

O Dinheiro Vivo falou com quatro economistas portugueses para saber o que pensam sobre o livro sensação do economista do momento

Piketty: O que dizem os economistas



Braga de Macedo
D.R.

09/05/2014 | 00:00 | Dinheiro Vivo

Thomas Piketty é a nova estrela da economia mundial. Para o bem e para o mal, o livro do economista francês tem sido, à esquerda, aclamado como inovador ou, à direita, acusado de ser muito ideológico.

Em Portugal, apesar do livro ainda não ter sido traduzido para português, a discussão sobre o “Capital no século XXI” (do francês *Le capital au 21 e siècle*) já chegou ao meio académico e político.

O Dinheiro Vivo falou com quatro economistas portugueses - da esquerda à direita, todos com passagem pelo mundo da política e por cargos executivos e legislativos – para saber qual a sua opinião sobre o livro.

Leia também: [Ricardo Reis: Picketty e o capital](#)

Francisco Louçã revela que já leu o livro e aconselha a sua leitura. Classifica-o de “interessantíssimo” e considera mesmo que é “um dos melhores contributos para o conhecimento do capitalismo moderno.”

“O fundamental do livro é, de facto, o estudo sobre a desigualdade, sobre a forma como tem crescido devastadoramente nos últimos anos”, afirma o antigo coordenador do Bloco de Esquerda.

Jorge Braga de Macedo admite, por seu turno, que gostou do livro, e aconselha a sua compra “mesmo que não se leia de fio a pavio as setecentas e tal páginas”.

“Gostei. Tal como *Das Kapital*, é um livro monumental - que se compra mais do que se lê”, opina o antigo ministro das Finanças. “Esta semelhança vai para além do título: a diferença é que Marx publica um livro focado no século XIX em 1867, ao passo que Piketty parece querer domar um século com pouco mais de uma década”, analisa.

O livro centra-se na temática da desigualdade, uma área que interessa ao deputado do PS João Galamba, que recebeu o livro recentemente e vai começar a lê-lo em breve.

“Embora existam outros autores que abordem a desigualdade, este livro parece-me ser inovador pela abrangência, pela metodologia e, sobretudo, pelo impacto que teve, o que também é uma motivação extra para o ler”, disse ao Dinheiro Vivo.

Apesar de não o ter lido, a referência do livro na revista *The Economist*, despertou a atenção de Miguel Cadilhe. “Um dia destes vou ver se o compro apenas por curiosidade. A interpretação que ele faz da crise atual a crise financeira é que é capaz de me interessar muito”.

O antigo ministro das Finanças sublinha que, apesar de estar situado num campo ideológico oposto ao do autor, elogia a “coragem” do autor ao pegar nas “teses marxistas” e de “pô-las nos dias de hoje”.

Um dos pontos que tem levantado mais polémica no livro é a criação de uma taxa sobre a riqueza de forma a redistribuir o rendimento de forma mais igualitária pela sociedade.

“Ele reforça muito a ideia, que eu tantas vezes defendi, de um imposto sobre as grandes fortunas, esta é a grande proposta do livro”, elogia Francisco Louçã.

Para Braga de Macedo, esta ideia é “totalmente implausível”. O economista salienta que a taxa “tem sido muito criticada por ignorar as distorções da tributação demasiadamente elevada e a dificuldade em identificar a matéria coletável de um imposto sobre a riqueza”.

O livro tem sido criticado à direita pela forma como trata a questão da desigualdade. Para João Galamba, a “economia ortodoxa e o mainstream económico considera que não cabe à economia analisar fenómenos de concentração de riqueza e de aumento das desigualdades”.

“No fundo, o Piketty está a dizer é que há um buraco negro na ciência económica tradicional. Portanto, é natural que haja reações críticas a quem se sente diretamente visado por esse argumento do Piketty”, aponta o deputado socialista.

Apesar de elogiar o livro, Francisco Louçã não deixa de fazer um reparo sobre a forma como os “conceitos tradicionais” de riqueza são abordados no livro.

No livro, o conceito de capital engloba uma “mistura de propriedades mobiliárias com poupanças, outros títulos de propriedade”, analisa o professor do ISEG. “Eu utilizaria uma definição mais restrita de capital, como o que está diretamente vinculado à capacidade de produzir valor acrescentado, digamos à estrutura produtiva de realização de valor”.

Braga de Macedo considera que este é “um livro de combate” e que Piketty elegeu o seu inimigo, à semelhança de Marx.

“Ao referir que retirou da sua experiência de ensino numa “universidade de Boston” mais admiração pelos cientistas sociais europeus do que pelos economistas americanos, define o inimigo como Marx fizera no seu Anti-Duhring mas aqui o título implícito seria Anti-Samuelson, criador da economia moderna no MIT”, salienta o professor da Universidade Nova.

Apesar dos quatro economistas divergirem na análise ao [livro de Thomas Piketty](#), existe, pelo menos, um ponto de convergência: independentemente da razão, vale a pena comprar o livro para analisar a desigualdade, uma temática bastante relevante.